

A Memória do Deserto

Luciane Alves Santos – USP

Resumo:

A partir da obra **Deserto** (1980), de J.M.G. Le Clézio, tentarei apontar a retomada do narrador clássico, benjaminiano, no romance pós-moderno, sua função na construção da memória identitária e na constituição dos relatos que conferem autoridade ao narrador. Nessa obra, observa-se em determinadas passagens a reconstituição da oralidade, isso se deve à necessidade de enfatizar a relevância das tradições como forma de resgatar a identidade de um povo que passou pelos dissabores da guerra e do violento processo de colonização.

Abstract

Based on the novel **Desert** (1980), written by J.M.G. Le Clézio, I will try to point out the return to the classical narrator in the postmodern romance, its function in the construction of the identity memory and in the constitution of the narratives that give authority to the narrator. We can observe in certain parts of that book the reconstitution of the orality, used to emphasize the relevancy of the traditions as a form of recovering the identity of a nation that faced the misfortune of a war and the violent process of colonization.

Palavras-chave: identidade, memória, J.M.G. Le Clézio

Key words: identity, memory, J.M.G. Le Clézio

Paroles-clé: identité, mémoire, J.M.G. Le Clézio

Palabras-clave: identidad, memoria, J.M.G. Le Clézio

Ao discorrer sobre a figura do narrador em *O narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*, Walter Benjamin (1985) apresenta-nos vários pressupostos teóricos que conduzem à reflexão sobre a importância de uma das mais antigas formas de expressão: a arte de narrar. De acordo com o autor, a narrativa é uma experiência acumulada ao longo do tempo vivido, ela tem como matéria-prima o que se pode recolher através da tradição oral. Narrar, aprendemos com Benjamin, é tecer um manto, alimentando-o diariamente com

pontos da linha da memória, assim como Penélope tecia e o desfazia, manipulando o tempo e a experiência.

Sabemos que entre as histórias contadas e o público que as ouve, interpõe-se um narrador, um elemento que transmite a substância do vivido. A transmissão de idéias, de aventuras e de experiências é ofício para aquele que detém a sabedoria e é capaz de chegar ao ouvidos alheios através de conselhos e de sua memória, esse, para Benjamin, constitui a essência do narrador clássico. Discutir o declínio da experiência e o fim da narração tradicional é o ponto central do ensaio benjaminiano. Na visão do autor, existe um sério esgotamento em nossa capacidade de contar: “A experiência da arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente.” (BENJAMIN, 1985, p.197). Embora o autor tenha se voltado em seu ensaio para a extinção do contador de histórias, sabemos que ele não desapareceu, existem ainda diversos autores que bebem na fonte da tradição oral, como, por exemplo, Guimarães Rosa, Rubem Braga, Mário de Andrade, Jorge Luís Borges, José Saramago e muitos outros.

Quanto ao romance, Benjamin observa que há distinção entre as figuras do narrador e a do romancista e isso se deve à dependência do gênero romanesco em relação ao livro. Segundo Davi Arrigucci Jr. (1987), o romance moderno se liga ao novo: ao livro, destinado à leitura solitária; ao individualismo burguês, essa individualidade gera a incapacidade de dar e receber conselhos, afastando-se do narrador idealizado por Benjamin.

Trabalhando com a obra **Deserto**, tentarei apontar a retomada do narrador clássico, benjaminiano, no romance pós-moderno, sua função na construção da memória identitária e na constituição dos relatos que conferem autoridade ao narrador. Nesse romance, observa-se em determinadas passagens a reconstituição da oralidade, isso se deve à necessidade de enfatizar a relevância das tradições como forma de resgatar a identidade de um povo que passou pelos dissabores da guerra e do violento e desumano processo de colonização. Le Clézio assume duas faces: a do narrador contador de histórias e a visão do romancista, mostrando que, ao contrário da extinção prevista por W.Benjamin, a chama do contador de histórias, ainda que menos intensa, permanece acesa em diversas obras literárias.



O escritor francês J.M.G. Le Clézio é um autor consagrado, o que se deve, sem dúvida, ao fato de suas histórias apresentarem como centro personagens ligados aos grandes problemas de hoje: conflitos históricos e geopolíticos, econômicos e sociais, culturais e religiosos; dessas tensões, confrontam-se dois mundos: o das tradições e o da modernidade.

Nascido em Nice, em 1940, filho de pai inglês e mãe francesa, conheceu muito jovem a fama, pois aos 23 anos recebe seu primeiro prêmio, *Theophraste Renaudot* (1963), pela publicação do romance **Le Procès-Verbal**. Atualmente, é um dos escritores mais lidos na França. Cultuado pelos franceses, já escreveu mais de 30 livros entre romances, ensaios, traduções e poesias. A grandeza de seus textos renderam-lhe fama internacional muito além das fronteiras literárias. O que mais impressiona na obra de Le Clézio é a delicadeza e a firmeza com que trata os mais ásperos temas da existência humana. Seus textos refletem a preocupação com o mundo, sua revolta contra a intolerância do pensamento racionalista ocidental e sua fascinação pela diversidade cultural.

Em seu romance **Deserto**, considerada por Doucey (1994) uma das obras em que se reconhece a maturidade do autor, há duas histórias independentes, que diferem, inclusive, pela apresentação gráfica, uma vez que a primeira narrativa se inscreve emblematicamente sob a forma de estreita coluna com uma larga margem branca. O texto estreito, perdido no imenso vazio da página, provoca um estranhamento que logo se desfaz: a forma sugere o conteúdo – a caravana marchando na imensidão branca do deserto do Saara. Esse primeiro plano narrativo apresenta-nos um episódio preciso da história da colonização do Saara Ocidental: Nour, jovem nômade, é testemunha do extermínio de seu povo pelas tropas francesas durante a conquista do Saara, entre 1909 e 1912. Nour e seu povo são os agentes de uma história coletiva, eles caminham em busca da Terra Prometida e da valorização de suas tradições em oposição à penetração dos valores corrompidos do mundo ocidental. As conseqüências do confronto entre essas duas forças nos conduzem à segunda parte da obra, agora ocupando o espaço e as margens convencionais, que narra a história de Lalla, uma jovem imigrante descendente desses povos nômades. A história de Lalla se desenrola, em parte, no mesmo espaço geográfico da narrativa anterior, porém entre os anos 60 e 70. A jovem heroína encarna em um único personagem toda a essência do deserto e da opressão do mundo ocidental. Nascida no Marrocos, ela habita em um cortiço próximo ao mar, à margem de uma grande cidade. Ela reconstitui a vida simples das mulheres nômades, com seus costumes e respeito aos ritos de seus ancestrais. Mesmo com a miséria presente, sua infância é

feliz e integrada à natureza. Lalla acredita na felicidade e nas maravilhas do ocidente narradas pelo velho pescador Naman. Assim como seus ancestrais, ela, também uma nômade, marcha em busca de seus sonhos imigrando para a França. Lalla encontra a frieza e a opacidade do mundo moderno, conhece a desilusão e a solidão; decide, então, retornar à terra natal. Nour e Lalla, os personagens centrais da obra, são seres simples e puros. Eles aprendem, cada um à sua forma, que as belezas do mundo ocidental são ilusórias, passageiras e que somente no deserto, em suas origens, poderão encontrar a harmonia e a pureza de seus corações.

Nesse romance, Le Clézio utiliza-se da tradição oral para estabelecer um diálogo reflexivo sobre a condição histórica de um povo. O autor desenvolve uma forma de discurso que busca a reprodução e a manutenção da cultura dos habitantes do deserto. A preocupação com a história e a identidade dos marginalizados torna a narrativa um meio de problematizar a realidade.

O personagem Nour, cujo nome significa “luz”, em árabe, é a figura mais importante da primeira parte da obra, porém, no início do romance, ele é, aos olhos do leitor, mais um jovem entre tantos outros nômades que circulam pelo deserto. Nota-se que Le Clézio faz desse jovem a luz do deserto, representante de todas as tradições e costumes de um povo. Conhecendo paulatinamente o menino Nour, descobrimos que a sua luminosidade emana, além da pureza de seus sentimentos, de sua ascendência nobre, ele é filho de um homem que tem a responsabilidade de guiar seu povo até a vila santa de Smara e, também, filho de uma legítima descendente de Al Azraq, homem santo do deserto do Saara. Quando adulto, Nour herdará de seu pai a importante tarefa de guiar seu povo através do deserto, motivo pelo qual, talvez, tenha recebido o nome de “luz”, sua missão será iluminar os caminhos escuros de seu povo e acender a chama da esperança em seus corações.

Nessa primeira parte da obra, é o profeta Ma el Aïnine que desempenha a função do narrador experiente. Esse personagem é o grande líder guerreiro e espiritual dos homens que povoam o Saara. Guia e protetor, pai e profeta, ele tem a nobre missão de conduzir seu povo para a Terra Prometida. Sua preces, orações e histórias mantêm vivas as tradições e a cultura de um povo que o legitima como o detentor da sabedoria e da experiência. “Escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições” (BENJAMIN, 1985, p. 198).



Quando Ma el Ainine começou a recitar seu **dzikr**, sua voz ressoou estranhamente no silêncio da praça, semelhante ao apelo distante de uma cabra. Ele cantava em voz muito baixa, balançando o alto do corpo para frente e para trás, mas o silêncio na praça, na cidade, e em todo o vale da Saguia el Hamra tinha sua fonte no vazio do vento do deserto, e a voz do homem velho era clara e segura como a de um animal vivo (LE CLÉZIO, 1987, p. 47).

Na segunda narrativa, a jovem Lalla conhece seu passado por meio das narrações de sua tia Aamma, ela sabe que é uma descendente distante de Al Azraq, o Homem Azul, como já foi dito, figura lendária do deserto. A relação de parentesco com o personagem Nour justifica a reprodução e manutenção das lendárias histórias acerca das vidas de Al Azraq e de Ma el Ainine nas duas épocas em que se situa o romance. Num primeiro momento, a história do Homem Azul é contada a Nour pelo próprio Ma el Ainine; na narrativa seguinte, a história retorna como uma lenda que é contada a Lalla por sua tia Aamma. Os jovens protagonistas são herdeiros da cultura da oralidade, pois não tiveram acesso às letras, mesmo Lalla, que está muitos anos à frente de Nour, não é alfabetizada, sua sabedoria provém daquilo que aprendeu com os mais velhos.

Assim como Nour, Lalla nasceu no deserto. Totalmente integrada à natureza, sua felicidade está nas coisas simples que o mundo em que ela vive pode oferecer. No percurso da jovem Lalla, Naman, velho pescador, e a tia Aamma são os narradores orais fixos, ou seja, arquivos das memórias da cultura identitária, que ao narrarem suas histórias, voltam a vivê-las e as preservam. Suas vozes, em discurso direto, assumem a posição dos narradores que recuperam a memória a fim de dar ao passado e à fantasia a significação que lhes é devida. Lalla alimenta-se das narrativas de Aamma e do pescador para manter viva a sua própria memória e seus desejos.

Aamma revela a Lalla seus mistérios e segredos, e é por meio dela que a jovem conhece as suas origens e a história de sua mãe, que morreu quando a menina ainda era muito pequena. Aamma é a fonte reveladora, ela é a autoridade do saber, ela detém o passado de Lalla e dos habitantes do deserto, pois é na voz dela que as histórias dos guerreiros nômades são resgatadas e repassadas para os jovens. Segundo Benjamin, a narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio artesão - no campo, no mar e na cidade -, é, ela própria, uma forma artesanal de comunicação.

Então, Aamma pára de amassar a massa. Senta-se no chão e fala, porque no fundo gosta muito de contar histórias.

- Já lhe falei disso, foi há muito tempo, numa época em que sua mãe e eu não conhecemos, pois foi no tempo da infância da avó de sua mãe que o grande Al Azraq, aquele que era chamado de Homem Azul, morreu e Ma el Ainine ainda era apenas um jovem nesse tempo. (LE CLÉZIO, 1987, p. 107).

O velho Naman é uma espécie de avô que Lalla nunca teve. A convivência com o pescador desperta em Lalla o desejo de ampliar seus horizontes. O barco é o mundo de Naman, é nele que as crianças se acomodam para ouvir as histórias fantásticas que o velho tem a contar, são aventuras do mar, de um mundo maravilhoso que Lalla não conhece. O velho pescador tem a chave do Ocidente, ele é o habitante do novo e do velho mundo, é o narrador que Benjamin classificou como o viajante, o marinheiro mercante que conhece todos os mundos e tem conselhos sábios a transmitir. São suas histórias, às vezes maravilhosas, que abrem as portas do imaginário, transferem a seus ouvintes uma infinidade de saberes fabulosos, o olhar desse personagem é tão incrível quanto o baú de histórias que ele tem a revelar.

Foi há muito tempo – diz Naman –, isso aconteceu em um tempo que nem eu, nem meu pai, nem mesmo meu avô conhecemos, mas, no entanto, a gente se lembra bem do que passou. Naquele tempo, não havia as mesmas pessoas que agora, e não se conheciam os romanos, nem tudo aquilo que vem dos outros países. (LE CLÉZIO, 1987, p. 133).

A presença da cultura oral, nessa obra, remete-se à *mise en abyme*. Essa técnica gera a possibilidade de uma cena reproduzir outra, funcionando como um elemento que faz a obra retornar sobre si mesma. As histórias desses narradores experientes retomam o próprio assunto da narrativa, projetando futuros acontecimentos ou retomando fatos por meio de perspectivas narrativas que constituem analepses e prolepses (DOUCEY, 1994, p.43). Essas perspectivas inscrevem-se nas histórias maravilhosas contadas a Lalla pelo velho pescador e, também, nas histórias narradas por Aamma; juntos, esses narradores tornam presentes o passado e o mito. A presença desses recursos literários acomoda-se na existência dos dois planos narrativos, há o momento em que o presente é confrontado com o passado, cujo resgate é fundamental para a compreensão dos fatos narrados.

Doucey (1994) assinala que essas seqüências de *mises en abyme* têm um papel essencial na estrutura do romance. Segundo o autor, a função analéptica retoma acontecimentos anteriores, como, por exemplo, as histórias que são contadas a Nour permitem ao leitor tomar conhecimento da infância e da juventude de Ma el Aïnine, o fundador da vila de Smara. Dessa forma, temos idéia do tempo percorrido por essas histórias, passadas de geração a geração, uma vez que elas são retomadas muitos anos depois, na segunda narrativa.

Já a função proléptica aparece nas narrativas do velho pescador Naman. Suas histórias de viagens são recheadas de maravilhas ocidentais, carros, trens, vilas, ruas e



avenidas que despertam em Lalla o desejo de migrar para a França. As facilidades do mundo ocidental e tantas histórias acendem em Lalla o desejo de navegar por outros mares, conhecer outras terras, bem diferentes daquela em que vive.

O velho Naman sacode a cabeça?

- Estou muito velho agora, pequena Lalla, não irei mais, morreria no caminho.

Para consolá-la, acrescenta:

- Você, você irá. Verá todas essas cidades, e depois voltará para cá, como eu.

(LE CLÉZIO, 1980, p. 91).

As palavras do pescador são proféticas, é exatamente isso que acontece, fascinada pelo Ocidente a jovem inicia sua jornada individual, cheia de descobertas e frustrações, uma que vez que o mundo que ela idealizou não existe de fato, são apenas ilusões. O choque entre sua cultura e suas tradições e o mundo moderno conduzem-na de volta para suas origens, para o deserto.

Em uma de suas intervenções, o velho pescador relata uma história fantástica vivida por ele e seus companheiros em uma de suas viagens ao mar. Durante uma pesca, ao tentar recolher a rede, nela encontram um gigantesco tubarão azul que tenta se libertar das linhas que o aprisionam. Decididos a liquidar o animal, os homens rasgam seu ventre e nele encontram um belo anel de ouro. O objeto mágico logo tornou-se disputa entre os homens que decidem a sua posse em um jogo de dados. Ao vencedor o anel! Naman torna-se o possuidor do belo objeto, após analisá-lo por alguns minutos, resolve atirá-lo ao mar, para desespero de seus companheiros. O intuito era devolvê-lo ao local de onde havia sido retirado. Nota-se, nesse episódio, a função que Benjamin atribui ao contador de histórias: a sabedoria; pois, sabiamente, o velho pescador ensina aos seus ouvintes (as crianças) o valor da harmonia em detrimento às posses materiais que corrompem os homens.

Por acaso os moribundos de hoje ainda dizem palavras tão duráveis que possam ser transmitidas de geração em geração como se fosse um anel? A quem ajuda, hoje em dia, um provérbio? Quem sequer tentará lidar com a juventude invocando sua experiência? (BENJAMIN, 1985, p.195)

Segundo Doucey (1994), as narrativas secundárias constituem uma forma de ensinamento. De diferentes formas, é por meio da reprodução do passado que Nour, Lalla e Laïla assimilam os conceitos de memória e tradição como condição indispensável para a existência e continuidade históricas de um povo.

No ensaio de Benjamin, o romance aparece como uma forma que não utiliza a experiência, pois a crise da narrativa é também a crise da sabedoria e o romancista, dessa forma, se revela incapaz de dar e receber conselhos. Em **Deserto**, Le Clézio valoriza tanto a tradição do narrador clássico quanto a posição do romancista, que através de seu olhar reinterpreta a História e reflete a situação do homem contemporâneo. Percebe-se a preocupação do autor em difundir a valorização da lembrança. É ela, ao lado da tradição, que fará com que os acontecimentos do passado sejam, de alguma forma, permanentes. Em sua obra, o diálogo estabelecido entre tradição e modernidade revelam a intenção de superação da solidão do autor e do leitor.

É do confronto entre o mundo da oralidade, tão valorizado por W. Benjamin, e o mundo da escrita, do romance, produzido por Le Clézio, que se constrói uma gama de histórias entrelaçadas, que nascem umas das outras, fazendo das narrativas orais a fonte de onde se pode gerar o texto literário. O romance tem o mérito de abordar o cruzamento da experiência coletiva, através da figura desses narradores experientes e da vivência individual, representada pela trajetória dos protagonistas do romance, produzindo uma espécie de espelhamento que possibilita a articulação entre o passado e o presente.

Referências bibliográficas

- ARRIGUCCI, D. Jr. **Enigma e Comentário**. São Paulo: Cia das Letras, 1987.
- BENJAMIN, W. *O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. In: Obras escolhidas. vol.1. **Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BENJAMIN, W. *Experiência e Pobreza*. In: Obras escolhidas. vol.1. **Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BORGOMANO, M. **Désert J. M. G. Le Clézio**, Colletion Parcours de Lecture. Paris: Bertrand Lacoste, 1992.
- CAMARANI, A.L.S. *A poesia do deserto*. 2004. Disponível em <http://www.evora.net/comparada/VolumeI/APOESIADO>
- DOUCEY, B. **Profil d'une oeuvre: Désert Le Clézio**. Paris: Hatier, 1994.
- GAGNEBIN, J. M. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 1999.



GENETTE, G. **Discurso da narrativa**. Trad. F.C. Martins. Lisboa: Vega, s.d.

_____ **Figures III**. Éditions du Seuil, Paris, 1972

_____ **Palimpsestes - La littérature au second degré**. Éditions du Seuil, Paris, 1982.

LE CLÉZIO, J.M.G. **Désert**. Paris: Gallimard, 1980.

_____. **Deserto**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

LEITE, L. C. M. **O foco narrativo**. São Paulo: Ática, 1985.

PRAXEDES, W. *Oralidade e cultura popular na escrita de José Saramago*, 2003.

Disponível em <http://www.espacoacademico.com.br/035/35wpraxedes.htm>.

SANTIAGO, S. *O narrador pós-moderno*. In: **Nas malhas das Letras**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.